

A EXPLOÇÃO DOS FUNDOS DE INVESTIMENTO

Brasileiros rendem-se às aplicações, que já somam patrimônio líquido equivalente a 30% do PIB nacional

Os pequenos, médios e grandes aplicadores estão encontrando nos fundos de investimento a alternativa mais segura e eficaz para remunerar seu capital. Não é à toa. "Eles são verdadeiros instrumentos de democratização das oportunidades de aplicação financeira", afirma Edmar Bacha, presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (Anbid). Além disso, reúnem características que atendem a todos os perfis de investidores. O segundo homem mais rico do planeta, Warren Buffet, conquistou sua fortuna aplicando nessa alternativa de investimento, e há quem invista apenas R\$ 100 por mês, tendo como expectativa a realização de um sonho.

Essa percepção, de que existe um fundo para cada tipo de aplicador, é um dos fatores que levam mais de 2 milhões de brasileiros a aplicarem suas reservas financeiras nesse mercado. Em menos de 10 anos, os fundos tiveram seu patrimônio líquido triplicado: passou de R\$ 120 bilhões, em 1994, para aproximadamente R\$ 380 bilhões, em março deste ano. O montante representa aproximadamente 30% do Produto Interno Bruto (PIB), uma participação equivalente à registrada em países europeus.

"Muitas pessoas não se deram conta de que esta é a fase dourada para ganhar dinheiro no Brasil, e que ela não vai durar para sempre", afirma Marcelo Giuffrida, diretor vice-presidente do BNP Paribas. Sua lógica é amparada pelas altas taxas de juros incidentes no país, pelas boas perspectivas do mercado de ações e pela queda do risco Brasil, que configuram um momento propício para os investimentos. "Depois do período de incertezas vivido no ano passado, e com a atual tranquilidade do mercado, os investidores têm condições de fazer o planejamento de suas aplicações e pensar na continuidade de seus ne-

gócios", avalia Giuffrida.

Exatamente pelas altas taxas de juros, a tendência dos brasileiros é concentrar suas aplicações nos fundos de renda fixa, observa Luiz Eduardo Alves Assis, diretor-superintendente do HSBC Investment Bank do Brasil. Ele recomenda que os investidores tentem entender o funcionamento e as características de cada fundo, porque, se escolherem só pela rentabilidade, estarão correndo maior risco. "A tendência é negligenciar o risco quando as aplicações oferecem retorno alto", avalia.

EXPECTATIVAS

A expectativa é que a taxa de crescimento do setor, neste ano, mantenha a média que vinha sendo registrada até 2002, que oscilava entre 20% e 25%, número acima da média internacional, de 10% ao ano. Essa tendência vem se confirmando. Nos primeiros quatro meses de 2003, depósitos próximos a R\$ 20 bilhões foram feitos em fundos de investimento. Esse resultado é consequência de uma série de fatores. O principal deles é que os rendimentos nos fundos vêm sendo superiores aos obtidos em qualquer outra aplicação. Aliás, os juros obtidos pelos investidores, no Brasil, são, atualmente, os maiores do mundo. A expectativa do mercado de fundos é que o país consiga uma estabilidade econômica ainda maior, permitindo um aumento na renda dos trabalhadores, o que vai representar um acréscimo no volume de dinheiro investindo em fundos. Ou seja, ao mesmo tempo em que a taxa de juros alta pode ser um atrativo, exclui uma boa parcela da população que têm seus vencimentos reduzidos em razão dela. "Queremos conquistar um número maior de pessoas e, paralelamente, estimular os que já investem a aplicar ainda mais", diz Giuffrida.

Mercado oferece alternativas para todos os perfis de investidores

Páginas 2 e 3

Brasil detém 70% dos fundos existentes na América Latina

Página 4

Certificação da Anbid é essencial para facilitar o processo de venda

Página 7

PROJETO E COORDENAÇÃO: JOYNT COMMUNICATIONS MARKETING • REALIZAÇÃO: FEELING DE TEXTOS EDITORA CONTADINHO



Alternativas para todos os perfis

Fundos se ajustam aos recursos, às necessidades e à estratégia de cada investidor

O mercado oferece um leque de alternativas de fundos de investimento, com características específicas para atender a clientes de diferentes perfis e portes. Eles são classificados, genericamente, em dois tipos: renda fixa e renda variável.

Os de renda fixa possuem liquidez diária e são compostos por títulos públicos e de empresas privadas, com rentabilidade pré e pós-fixadas. Trata-se da melhor escolha para quem busca baixo índice de risco e proteção para seus investimentos de curto e médio prazos. Já nos fundos de renda variável a rentabilidade é obtida a partir de investimentos no mercado de ações e seus derivativos. Eles são mais indicados aos que se dispõem a assumir um risco maior na busca de ganhos mais expressivos.

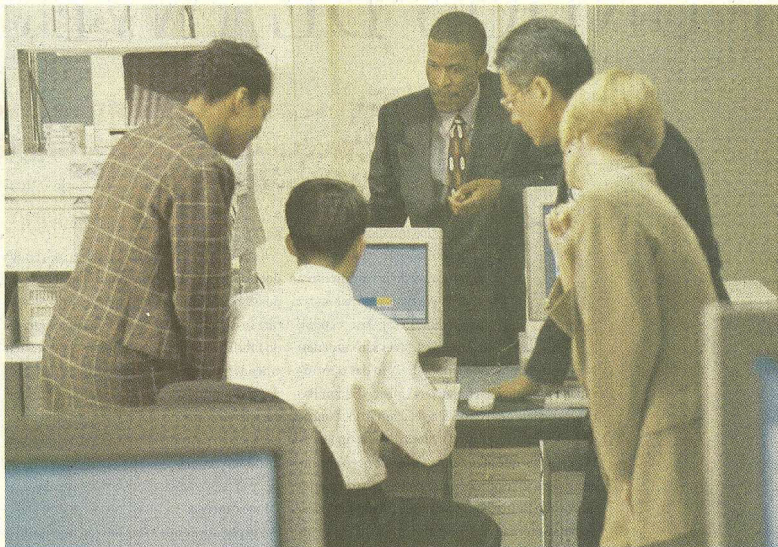
Para facilitar ao investidor a identificação e a comparação entre os diversos tipos oferecidos pelo mercado, a Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid) criou uma classificação, válida desde maio de 2001, que também retine famílias de fundos com objetivos semelhantes. Como critério complementar, ela considera, ainda, a adoção de estratégias específicas,

para atingir dois grandes objetivos de investimento: superar um determinado parâmetro – chamado *benchmark* – ou igualá-lo.

A classificação da Anbid é importante na definição do perfil de investimentos de cada carteira, embora a legislação ofereça uma margem ampla de liberdade ao gestor. Por isso, é importante que o investidor conheça o regulamento do fundo e seu perfil de investimento, para identificar o tipo que realmente atende às suas necessidades e expectativas, em relação ao retorno, ao risco e ao horizonte de investimento.

PERFIS

Indicados para diferentes perfis de investidores, os fundos apresentam várias vantagens, inclusive para o pequeno aplicador. "Existem fundos com investimento inicial a partir de R\$ 100,00", esclarece Sérgio de Oliveira, diretor-executivo do Bradesco. Segundo ele, um dos principais atrativos, para os pequenos investidores, são os ganhos de rentabilidade, com reposição acima da inflação. Tanto que, nos últimos cinco anos, ocorreu uma forte migração de pessoas físicas para o mercado de fundos, principalmente de renda fixa. O crescimento da participação dos pequenos investidores nesse mercado é impulsionado, principal-



Fundos de investimento oferecem vantagens, inclusive ao pequeno aplicador

mente, pela disseminação cada vez maior de informações, que podem ser obtidas desde nas agências bancárias até na Internet. "Os clientes estão buscando aplicações que tragam maior rentabilidade, e muitos já percebem que os fundos são o caminho", reforça Oliveira.

Além de atrair o pequeno investidor, os fundos também são uma opção interessante para os de médio e grande portes – clientes institucionais (fundos de pensão e seguradoras), empresas e pessoas físicas –, com disposição para investir a partir de R\$ 100 mil. São, em sua maior-

ia, clientes que buscam rentabilizar o caixa, com alto nível de segurança. Entretanto, muitas empresas de pequeno e médio portes ainda não conhecem os mecanismos de investimento em fundos e as possibilidades de ganhos. "A medida que perceberem que, além dos ganhos de

rentabilidade, também podem usufruir um atendimento qualificado, que muitas vezes funciona como uma consultoria financeira, essas empresas tenderão a aderir ao mercado de fundos", enfatiza Marco Antonio Fichtner, diretor-executivo do Votranim Asset Management.

CLASSIFICAÇÃO DOS FUNDOS

1. FUNDOS REFERENCIADOS

Têm o objetivo de igualar, com a maior aderência possível – nem ganhar, nem perder – o parâmetro de comparação escolhido.

Referenciados DI

Seguem as variações do CDI/Selic – Certificado de Depósito Interbancário e taxa básica de juros – negociado diariamente (overnight). São também chamados de fundo de renda fixa pós-fixado, uma vez que seus rendimentos acompanham diariamente a variação dos juros. Com a adoção da regra contábil de marcação a mercado, os referenciados DI passaram a apresentar cota positivas ou negativas, como os demais fundos de investimento.

Referenciados Câmbio

Acompanham as variações da moeda norte-americana, além de estarem também sujeitos às oscilações das taxas de juros brasileiras sobre o dólar.

Referenciados Outros

Procuram acompanhar as variações de qualquer parâmetro de performance, com exceção dos mercados de câmbio ou de juros de curto prazo. Essa classe de fundos inclui subtipos, que têm como objetivo reproduzir as variações de algum parâmetro de performance explícito, como IGP-M mais juros de 12% ao ano, por exemplo. Nesse caso, o objetivo não é superar o parâmetro, mas reproduzi-lo o mais fielmente possível.

2. RENDA FIXA

Renda Fixa

Os fundos de renda fixa buscam retorno a partir de investimentos em papéis (ativos) de renda fixa, que

apresentem baixo risco de crédito e sem alavancagem. Parte da carteira pode estar investida em títulos prefixados e parte em pós, de forma a apresentar maior rentabilidade, mas correndo o risco de oscilações dos juros em parte da carteira. A parcela destinada a cada categoria é permanentemente revista. Excluem estratégias de investimento que impliquem risco de índices de preço, de moeda estrangeira ou de ações. Esses fundos são enquadrados no inciso I do artigo 2º da Circular nº 2.958, de janeiro de 2001.

Renda Fixa Crédito

Buscam retorno no mercado doméstico de juros, com investimentos em títulos de renda fixa de qualquer nível de risco de crédito. Estão excluídas estratégias que impliquem risco de índices de preço (IGP-M), de moeda estrangeira (dólar) ou de renda variável (ações), além de alavancagem da carteira. Como não se enquadraram nos artigos 2º e 4º da Circular nº 2.958, diferenciam-se dos fundos de renda fixa apenas pela possibilidade de investimentos com risco de crédito um pouco acima do limite previsto na legislação dos fundos não-referenciados.

Renda Fixa Multiíndices

O retorno se dá por meio de investimentos em ativos de renda fixa de diferentes riscos de crédito, além de estratégias que impliquem risco de índices de preço (IGP-M). Entre outros, incluem-se nessa categoria os fundos de renda fixa com risco de indexadores (fundos IGP-M, etc.), sem alavancagem. Não admitem, entretanto, investimentos que possam apresentar risco de oscilações de moeda estrangeira e de ações. Os fundos multiíndices também não se enquadram nos artigos 2º e 4º da

3. FUNDOS BALANCEADOS

Essa categoria inclui os fundos regulamentados pelo Banco Central ou pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que busquem retorno no longo prazo com investimentos em diversas classes de ativos (renda fixa, ações e câmbio). A valorização desses fundos se dá por estratégia de investimento diversificada explícita de rebalanceamento de curto prazo, sem alavancagem.

4. FUNDOS MULTIMERCADOS

São fundos regulamentados pelo Banco Central que buscam retorno em longo prazo, com investimentos em diversas classes de ativos, exceto ações. Para se valorizarem, diversificam os investimentos, mas sem alavancagem.

5. FUNDOS CAPITAL PROTEGIDO

Destinados a clientes conservadores, que desejam investir em ações, mas sem correr grandes riscos, esses fundos buscam retorno em renda variável, procurando proteger o capital administrado. Quando as ações estão em alta, permitem algum ganho extraordinário, e, quando estão em queda, defendem de perdas o capital aplicado. Grande parte do dinheiro é geralmente aplicada em títulos de renda fixa, pequena parte, em opções de ações ou outros derivativos.

6. FUNDOS DE INVESTIMENTO NO EXTERIOR (FIEIX)

Têm como principal objetivo o investimento em títulos emitidos pelo governo no exterior, incluindo papéis da dívida externa brasileira. Uma das vantagens é que as aplicações e os resgates são feitos em

de parâmetros de desempenho que refletem apenas uma classe de ativos, como 100% CDI.

Com alavancagem, sem renda variável

Também regulamentados pelo BC, buscam retorno em longo prazo com investimentos em diversas classes de ativos, exceto as ações. Para se valorizarem, utilizam uma estratégia de investimentos diversificados, podendo inclusive fazer uso da alavancagem.

Com alavancagem e renda variável

Diferenciam-se do anterior por serem ainda regulamentados pela CVM e incluir ações em sua carteira de ativos.

7. FUNDOS DE AÇÕES

Embora permitam o resgate diário, o horizonte de retorno é o mesmo do investimento em ações: o longo prazo.

7.1 – Ações Indexados

São fundos regulamentados pelo BC ou pela CVM, cujo objetivo é igualar o comportamento dos índices Ibovespa ou IBX. São chamados de fundos de ações passivos, pois suas carteiras estão atreladas a um *benchmark*, que busca acompanhar o comportamento desses índices. A carteira, portanto, é bem parecida com a composição do índice escolhido. Como todos os fundos de ações, são recomendados aos investidores dispostos a correr riscos em busca de maior rentabilidade.

7.2 – Ações Ativos

Regulamentados pelo BC ou pela CVM, são indicados a investidores que querem rendimentos superiores ao do mercado de ações. Os fundos ativos têm como objetivo superar o desempenho do indexador de referência, que podem ser:

reais – o administrador se responsabiliza pelo envio do dinheiro e pela compra de ativos lá fora. O desempenho do Fieix é influenciado positivamente pela valorização do dólar e pelo avanço da cotação dos papéis brasileiros no exterior.

7.3 – Ações Setoriais

Investe em ações do setor de telecomunicações.

7.4 – Ações Outros

Investe em ações do setor de energia.

7.5 – Ações Fechados

São fundos estatutariamente fechados de ações abertos que não se enquadram em nenhum dos segmentos anteriores e seus subsegmentos.

7.6 – Ações Abertos

São fundos de ações abertos que não se enquadram em nenhum dos segmentos anteriores, podendo realizar operações que impliquem a alavancagem do patrimônio.

7.7 – Ações Fechados

São fundos de investimento cujo objetivo é adquirir ações de uma determinada empresa utilizando os recursos do FGTS, mas somente durante o período de Oferta Pública de Ações.

de superar o IBX, pode realizar operações com alavancagem do patrimônio.

7.8 – Ações Abertos

Investe em ações do setor de telecomunicações.

7.9 – Ações Fechados

Investe em ações do setor de energia.

7.10 – Ações Abertos

São fundos de investimento cujo objetivo é adquirir ações de uma determinada empresa utilizando os recursos do FGTS, mas somente durante o período de Oferta Pública de Ações.

7.11 – Ações Fechados

São fundos de investimento cujo objetivo é adquirir ações de uma determinada empresa utilizando os recursos do FGTS, mas somente durante o período de Oferta Pública de Ações.

7.12 – Ações Abertos

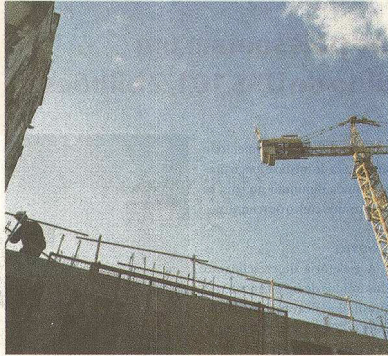
São fundos de investimento cujo objetivo é adquirir ações de uma determinada empresa utilizando os recursos do FGTS, mas somente durante o período de Oferta Pública de Ações.

Aplicação no setor imobiliário

Criados em junho de 1993, os fundos imobiliários surgiram como uma alternativa para investidores interessados em aplicar recursos no desenvolvimento de novos empreendimentos imobiliários ou em imóveis já existentes, sem a necessidade de envolvimento direto na administração do negócio. O patrimônio do fundo pode ser direcionado para a construção ou aquisição de imóveis comerciais, industriais ou residenciais, além de uma pequena parcela para aplicações de renda fixa, conforme regulamento pré-estabelecido. As aplicações nessa categoria estão concentradas nos investidores institucionais, como fundos de pensão, seguradoras e incorporadoras. Entretanto, existem opções com aplicação mínima de R\$ 1 mil, indicadas para investidores individuais.

Nos Estados Unidos, os fundos de investimento em imóveis representam cerca de US\$ 300 bilhões, 4,3% do volume aplicado em fundos naquele país. Os fundos imobiliários americanos, conhecidos como *Real Estate Investment Trust* (REIT), foram criados na década de 1960 e, hoje, já somam mais de 200 REITs cotados em Bolsa. No Brasil, esse segmento de mercado tem um forte potencial de crescimento. Atualmente, existem cerca de 60 fundos regulamentados pela CVM, com um patrimônio líquido de aproximadamente R\$ 2 bilhões, valor correspondente a 0,52% do mercado total de fundos (R\$ 382 bilhões).

À CVM cabe autorizar o funcionamento do fundo e fazer o acompanhamento de seus demonstrativos financeiros. Os fundos imobiliários têm seis me-



Patrimônio do fundo se destina à construção ou aquisição de imóveis

ses para captar os recursos e, posteriormente, aplicar no empreendimento. Por se caracterizarem como fundos fechados, o administrador não precisa ga-

rantir o resgate das cotas. Assim, quem quiser sair do investimento, deve vendê-las no mercado secundário, em que a liquidez ainda é restrita.

Além de conquistar rentabilidade, os agentes financeiros estão dispostos a assumir responsabilidades sociais. Surgidos nos Estados Unidos, em 1994, os Fundos de Investimento Socialmente Responsáveis operavam, no ano passado, mais de US\$ 2,16 trilhões naquele país, e estima-se que o volume já chegue a US\$ 5 trilhões em todo o mundo. Alguns fundos de responsabilidade social trabalham apenas com empresas politicamente corretas, ou seja, que revelam, em suas práticas, a preocupação para com o meio ambiente e a sociedade, e adotem a governança corporativa.

O primeiro fundo de responsabilidade social no Brasil, denominado Ethical, foi criado pelo ABN Amro, em 2001. "Esse tipo de fundo é importante para mudar a relação entre os bancos e a população", diz Luiz Maia, diretor-executivo do Asset Management do ABN Amro. Para selecionar as empresas que iriam compor o Ethical, a instituição firmou parceria com o Instituto Ethos de Responsabilidade Social, com o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa e com a Organização Não-Governamental Amigos da Terra. "Não permitimos o ingresso de ações de companhias ligadas aos mercados de armas, pornografia, bebidas, tabaco, etc.", explica Maia. Inicialmente foram selecionadas 500 empresas; dessas, apenas 150 foram escolhidas, e, posteriormente, apenas 80 receberam questionários para que fosse feita a análise. "Outro diferencial é que o Ethical tem um conselho

consultivo independente, que se reúne a cada dois meses para avaliar as ações que estão sendo tomadas. O conselho é consultivo, mas tem poder de veto", esclarece Maia.

O depósito mínimo para investimento é de R\$ 100. A rentabilidade do Ethical tem ficado, na média, acima do Ibovespa — usado como parâmetro para análise enquanto não surge um índice específico de empresas socialmente responsáveis.

Outra modalidade de fundos socialmente responsáveis reverte parte de seus ganhos para ações sociais. É o caso do FIF Fome Zero, lançado em fevereiro pela Caixa Econômica Federal, um fundo de renda fixa convencional que destina 50% da taxa de administração — que é de 5% — para o programa social do governo. "A Caixa sempre teve uma relação muito próxima da população brasileira em longo de sua história, por meio da concessão de financiamento para moradia, abertura de contas, etc., e vimos que era o momento de aproximar também os fundos de todos os nossos clientes", diz Wilson Risolia, vice-presidente de Ativos de Terceiros da Caixa. O FIF Fome Zero é um sucesso. De 23 de fevereiro até 12 de maio, acumulou um patrimônio líquido de R\$ 40 milhões. "Temos média diária de depósitos de R\$ 800 mil a R\$ 1 milhão e 3.620 cotistas", afirma Risolia.

Além da CEF e do ABN Amro, também oferecem fundos de responsabilidade social o HSBC, o Banco do Brasil, o Banco Santos, o Bonsucesso e o Unibanco.

Impulso dos fundos de recebíveis

Os fundos de recebíveis devem imprimir uma nova dinâmica de captação de recursos para as instituições financeiras. Eles foram criados no final de 2001, por meio da Resolução n° 2.907 do Banco Central, e regulamentados no mesmo ano, pela instrução n° 356 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Com a sua regulamentação, a oferta de financiamentos foi ampliada, por meio de um mecanismo que não onera os limites operacionais dos bancos.

Seu funcionamento é simples.

A instituição financeira que administra o fundo compra os créditos (ou recebíveis) que as empresas têm a receber. Esses recebíveis são repassados ao fundo com um desconto, já que serão pagos antes do vencimento dos créditos, e transformados em cotas, que são vendidas aos investidores. O rendimento é obtido a partir da diferença entre o valor com desconto pago antecipadamente às empresas e os juros pagos pelos devedores no vencimento das obrigações.

Antes da criação do fundo, as

empresas só podiam fazer captação com recebíveis no Brasil por meio da formação de uma Sociedade de Propósito Específico (SPE), que adquiria os créditos. Porém, por ser pessoa jurídica, estava sujeita a uma carga tributária elevada. Por isso, os fundos de recebíveis são interessantes para as empresas endividadas, já que as operações não entram no balanço da companhia como dívida, o que acontece com as debêntures. Essa também pode ser uma saída para companhias que precisam de re-

ursos para pagar dívidas que vencem nos meses seguintes.

Um dos aspectos importantes na definição do fundo de recebíveis é a obrigatoriedade do rating (classificação de risco) e a criação de diferentes categorias de cotas: as preferenciais (que têm preferência nos recebimentos e, portanto, menor risco e menor rendimento) e as subordinadas (que só recebem seu investimento depois dos cotistas preferenciais e têm mais riscos e perspectivas de maior rendimento).

A vida é feita de opções. Com seu investimento não podia ser diferente.

Fundos de Investimento Itaú*: as melhores opções para você, os melhores profissionais e todos os meios de acesso à informação em um só banco.

O Itaú tem uma família completa de fundos de investimento para atender a todos os perfis de investidor, do conservador ao mais agressivo, com a diversificação que você procura na hora de investir. Quem investe no Itaú conta com a mais avançada tecnologia e uma equipe que se diferencia pela competência reconhecida. No Itaú você encontra a experiência de um dos maiores administradores de recursos de terceiros, além de toda a conveniência para fazer aplicações, consultas e agendamentos e acompanhar seus rendimentos pelo Itaú Bankline, Caixas Eletrônicas Itaú ou Agências Itaú. Para mais informações, ligue para o Itaú Investfone**. Se preferir, consulte seu Gerente Itaú ou acesse o Itaú Investnet - www.itaubank.com.br - e clique em investimentos.

*Retornados aos clientes em garantia de liquidez. **Para mais informações sobre investimentos, consulte o Gerente Itaú ou o Itaú Investfone. Itaú Investfone é um serviço de atendimento ao cliente disponível 24 horas por dia, de segunda a sexta-feira, das 08h às 18h. Itaú Investnet é um serviço de atendimento ao cliente disponível 24 horas por dia, de segunda a sexta-feira, das 08h às 18h. Itaú Investfone e Itaú Investnet são serviços de atendimento ao cliente disponibilizados pelo Itaú. Itaú Investfone e Itaú Investnet são serviços de atendimento ao cliente disponibilizados pelo Itaú. Itaú Investfone e Itaú Investnet são serviços de atendimento ao cliente disponibilizados pelo Itaú. Itaú Investfone e Itaú Investnet são serviços de atendimento ao cliente disponibilizados pelo Itaú.

Itaú feito para você

Itaú. O lugar certo para investir o seu dinheiro.

Brasil detém 70% dos fundos latinos

Investimentos no país somam um patrimônio líquido de US\$ 101,2 bilhões

O Brasil é, hoje, o grande mercado de fundos de investimento na América Latina. Dados divulgados pela Thomson Invest Tracker, em janeiro deste ano, mostram que, em 2002, em toda América Latina, o patrimônio líquido das carteiras foi de US\$ 140,7 bilhões, o que revela uma queda de 28,54% em relação a 2001, resultante de desvalorização de moedas latino-americanas e dos saques feitos pelos investidores. O Brasil responde por US\$ 101,2 bilhões desse montante, ou seja, por 70,6% dos recursos.

O volume ainda é muito inferior ao registrado nos Estados Unidos, onde anualmente são aplicados US\$ 7 trilhões, o equivalente a quase 70% do PIB daquele país, de US\$ 9,8 trilhões. "Nos Estados Unidos, a primeira legislação de fundos data de 1940, ou seja, tem 63 anos de regulamentação estável. No Brasil, a regra geral foi criada apenas em 1995, razão pela qual a população ainda não está familiarizada com a mecânica de funcionamento", diz Marcelo Giuffrida, diretor do BNP Paribas. No ranking mundial, a posição brasileira oscila muito, em razão da instabilidade do dólar. O país está entre o 10º e o 15º lugar

na classificação mundial. O salto do mercado de fundos no Brasil está atrelado a diversas mudanças econômicas e sociais vivenciadas nas últimas décadas.

Nos anos de 1970, a população conheceu o fantasma da inflação que, naquele período, a até meados da década de 1980, tornava as aplicações em ativos financeiros pouco interessantes. Muitos investidores viram seu rendimento em poupança e CDBs ser menor que a inflação e perderam dinheiro. Ocorreu então uma migração para investimentos em ativos reais, como dólar e ouro. Naquele momento, o mercado de fundos praticamente limitava-se aos de renda variável, ou seja, ações. Quando, em meados dos anos de 1980, a inflação chegou ao ápice, passaram a ser criados instrumentos financeiros para proteger quem investia no mercado financeiro. Assim, na segunda metade daquela década, iniciou-se uma inversão, e os fundos de renda fixa passaram a predominar, mantendo-se nessa posição até hoje. Assim, a geração que já começou a investir quando os ativos financeiros tinham bom rendimento continua aplicando seus recursos nos fundos. O passo seguinte para o crescimento dos fundos no Brasil foi o Plano Real. Com a estabilização da moeda pôde-se criar

um mercado de investimentos e aplicações de médio e longo prazos, ainda diminuto no país, se comparado com o de renda fixa.

SUSTO

A trajetória de crescimento dos fundos de investimento no Brasil, que ficava na média de 20% a 25% ao ano, sofreu uma pequena interrupção em 2002. O principal motivo da retirada do dinheiro foi o surgimento da marcação a mercado. "O mecanismo de controle é positivo, já que o investidor precisa estar consciente de que a maior remuneração, em geral, também corresponde a mais riscos, ou seja, é um processo educativo importante para que os investidores saibam diferenciar os fundos e escolher os que mais se adaptam aos seus interesses", diz Edmar Bacha, presidente da Anbid.

A marcação a mercado tem o objetivo de dar maior transparência às negociações, já que o investidor pode acompanhar diariamente a cotação de seus fundos. Mas quem participa do mercado foi pego de surpresa em maio de 2002, quando a medida entrou em vigor, pois sua adoção era esperada apenas para setembro. Como tudo que é inesperado provoca reações imediatas, houve um grupo que não gostou de ver uma



Foto: Votorantim Asset

O Brasil responde por US\$ 101,2 bilhões do patrimônio líquido das carteiras da América Latina

flutuação negativa nas suas cotas acabou sacando seu dinheiro dos fundos. Mas, com o passar do tempo, constata-se que as rentabilidades estão mais elevadas do que antes e o mercado se acostumou com os procedimentos. Em 2003, R\$ 20 bilhões ingressaram nos fundos. "Não podemos ver todo esse montante como um retorno dos investidores,

porque não foi apenas a marcação a mercado que fez com que eles deixassem o setor", diz Giuffrida. Segundo ele, os cenários econômico e político contribuíram para que o saldo não evoluisse. "Quando as pessoas precisam de dinheiro, usam suas reservas, seja em casos planejados ou não. No ano passado, houve um problema no Brasil e muitas empre-

sas tiveram de pagar suas dívidas, usar o próprio caixa para seguir as atividades e, para isso, sacaram dos fundos. Outros estavam temerosos com os rumos da economia e decidiram aplicar em outras alternativas e alguns não estavam felizes com a questão dos títulos públicos e sacaram pela insatisfação com a variação de rentabilidade", explica.

Retomada do crescimento

O ano de 2003 começou acenando com uma retomada significativa de crescimento, nos patamares alcançados anteriormente. Um dos motivos para essa evolução está no fato de a rentabilidade média bruta dos fundos - sem a taxa de administração - ficar próxima de 1,82%. O cenário interno, de tranquilidade e promessas, por parte do governo, de honrar seus compromissos, também contribuiu para que os investidores voltassem a aplicar seus recursos. "Os receios deixaram de existir, porque a política econômica do governo vem se mostrando bastante conservadora e proporcionou uma recuperação no preço dos papéis, que obviamente reflete em uma melhor cotação dos fundos", afirma Bacha.

Segundo Giuffrida, ainda é cedo para fazer previsões, em razão de uma série de indefinições, como a estabilização ou não do dólar, o crescimento da economia mundial após a guerra do Iraque e, até mesmo, o desenrolar da Síndrome Respiratória Aguda Grave (a pneumonia asiática), que pode ter reflexos diretos sobre a economia da Ásia e afetar todo o planeta. "Mas se realmente voltarmos à taxa de crescimento anterior, vamos alcançar um acréscimo de R\$ 90 bilhões no patrimônio líquido dos fundos, ou seja, chegar a R\$ 450 bilhões no final de 2003", calcula. "O investidor quer maior rentabilidade com segurança e estamos trazendo para o Brasil as melhores práticas mundiais quanto à administração de recursos", afirma Bacha. Segundo ele,

mecanismos que garantem a transparência nos procedimentos estão implantados e são constantemente aperfeiçoados.

Um dos fatores de maior atração dos fundos é grande variedade. Objetivos dos mais variados podem ser atingidos por meio da aplicação em fundos. Uma parcela dos clientes está preocupada com eventualidades e guarda dinheiro para não ser pego de surpresa; outro grupo faz planos futuros e investe para conquistar alguns desejos, como viajar, ou, ainda, objetivos de curto e médio prazo, como a educação dos filhos. Outra camada já faz a reserva com interesse de longo prazo, de aposentadoria. E, por último, há o agente que investe em fundos e faz um salário dos rendimentos obtidos.

RANKING DAS MAIORES ADMINISTRADORAS

Em patrimônio líquido, em R\$ bilhões - março de 2003

Banco do Brasil	R\$ 73,4
Bradesco	R\$ 54,7
Itaú	R\$ 49,9
Citibank	R\$ 20,8
HSBC	R\$ 18,8
CEF	R\$ 18,2
BankBoston	R\$ 18,1
Unibanco	R\$ 16,1
Santander Brasil	R\$ 15,8
ABN Amro	R\$ 12,8
Safra	R\$ 11,5
Pactual Asset	R\$ 10,1
Mellon Brascan DTVM	R\$ 9,8
Nossa Caixa	R\$ 7,6
Sudameris	R\$ 5,5
Opportunity	R\$ 5,2
Votorantim Asset	R\$ 5,0
BNP Paribas	R\$ 4,3
BBA Investimentos DTVM	R\$ 4,1
Sul América Investimentos	R\$ 3,5

Fonte: Anbid



IMPORTANTE PARA QUEM INVESTE, ANALISA, ADMINISTRA E DISTRIBUI FUNDOS.

O 2º CONGRESSO ANBID DE FUNDOS DE INVESTIMENTO, mais importante evento sobre Fundos de Investimento no Brasil, lhe permitirá conhecer os "bastidores" dessa indústria e as tendências mundiais e locais dessa modalidade de investimento que apresenta o maior índice de crescimento nos últimos meses.

Se você investe, analisa, distribui ou trabalha no mercado de Fundos, participe do 2º CONGRESSO ANBID DE FUNDOS DE INVESTIMENTO e conheça também as experiências de outros países através de renomados consultores e especialistas convidados.

GARANTA JÁ SUA VAGA - www.congressoanbid.com.br

SESSÃO DE ABERTURA

Pronunciamento de Luiz Leonardo Cantidiano, presidente da CVM

AS PERSPECTIVAS DO MERCADO DE FUNDOS NA VISÃO DOS CONSULTORES

Carlos Eduardo Sussekind - CVM • Antonio Riera - Boston Consulting Group; Tendências nos EUA Ivan de Souza - Booz Allen Hamilton; Perspectivas na Europa Paul Gruppo - Diamond Cluster; Perspectivas no Brasil

PROJETO DE COMUNICAÇÃO PARA A INDÚSTRIA DE FUNDOS

Demosithenes MacLureiro Pinho Neto - Unibanco Asset Management Júlio Ribeiro - Talent Comunicação

AS PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA DE FUNDOS SEGUNDO SEUS ADMINISTRADORES

Sergio Oliveira - Bradesco • Marcelo Giuffrida - BNP Paribas Asset Management Luis Eduardo Assis - HSBC Bank Brasil Eduardo Penido - Opportunity Asset Management • Alexandre Zakia - Banco Itaú

3 ANOS DE AUTO-REGULAÇÃO

Alfredo Setubal - Banco Itaú • Renato Raglione - Unibanco Asset Management Alexandre Zakia - Banco Itaú • Marcelo Giuffrida - BNP Paribas Asset Management

REFORMA DA PREVIDÊNCIA E FORTALECIMENTO DA PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR

Renato Raglione - Unibanco Asset Management • Helmut Schwarzer - Secretário de Previdência Social/MPAS; Reforma da Previdência • Fábio Giambrogi - BNDES; A Previdência e a Questão Fiscal Eduardo Bom Angelo - BrasilPrev; Produtos Previdenciários Flávio Martins Rodrigues - ICSS; O Fortalecimento da Previdência Complementar Fechada

O IMPACTO DA TRIBUTAÇÃO NO MERCADO DE FUNDOS

João Marçal Dantas Leite - Banco Factual • Jorge Antonio Deher Rachid - Secretário da Receita Federal • Robert John Van Dijk - Bradesco Asset Management Roberto Quiroga Mosquera - Mattos Filho, Veiga Filho, Marrey Jr. e Quiroga Advogados

INSTRUMENTO DE CONTROLE DE RISCO E M&M

Márcio Verri - BankBoston • Henry Schilling - Moody's Investors Service Marcelo Rabbat - Prandini & Rabbat Associados • Antonio Duarte - IBMEC Valéria Arbas Coelho - ANDIMA

NOVAS FRONTEIRAS DA INDÚSTRIA DE FUNDOS

Eduardo Penido - Opportunity Asset Management Jean François Bourdeaux - BNP Paribas (Paris); O Mercado de Fundos na China e Coreia Philip Edwards - Standard & Poor's; O Mercado de Fundos nos EUA John Mountain - IFIC-Investment Funds Institute of Canada; Canais de Distribuição - A Experiência Canadense

MERCADO DE CAPITALIS E A RETOMADA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Edmar Bacha - ANBID • Luiz Antonio de Sampaio Campos - CVM Carlos Antonio Rocca - Rocco Prandini & Rabbat Marcos Lisboa - Banco Central Gilberto Miñano - Bovespa

A ANBID RECONHECE QUE SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE FATOR DE APRIMORAMENTO DO MERCADO.



Inscrição através do site: www.congressoanbid.com.br, telefone (11) 3167.0821, ou e-mail: anbid@pointm.com.br Agência de Viagens Oficial: IT Viagens - Tel: (11) 4195.1660 e-mail: anbid@it-incentivo.com.br



Mais que argumentos, bons motivos

Entre as razões para se investir em fundos, destacam-se rentabilidade, segurança, simplicidade, modismo e necessidade

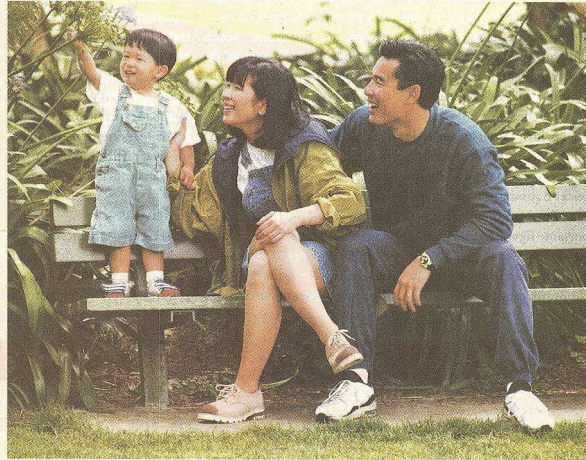
Para os investidores que ainda não decidiram se vale a pena aplicar suas reservas em fundos, cinco bons motivos podem auxiliar nessa escolha e esclarecer as dúvidas mais comuns.

Rentabilidade – O cenário econômico brasileiro atual oferece rentabilidade elevada para quem pode guardar dinheiro: as taxas de juros são altas, assim como podem ser os ganhos no mercado de ações. Entretanto, apenas uma parcela da população percebeu que o Brasil é um país onde se pode ganhar dinheiro com investimentos. “Esse panorama, que alia a facilidade de se aplicar em títulos de renda fixa aos ganhos de rentabilidade, provavelmente não se manterá para sempre”, ressalta Marcelo Giufrida, diretor do BNP Paribas.

Os fundos de investimento tendem a garantir uma rentabilidade maior ao investidor do que os ativos similares, por três razões, apontadas pelo diretor-superintendente do HSBC Investment Bank Brasil, Luiz Eduardo Alves de Assis: 1) Ao optar por essa aplicação, o pequeno investidor acaba beneficiando-se do porte de seu fundo, que atua como um grande investidor e

consegue melhor rentabilidade. 2) O fundo dilui os custos de administração e pesquisa do mercado financeiro entre todos os cotistas, que, individualmente, não conseguiriam arcar com as despesas de uma gestão mais sofisticada. Ao compartilhar os custos dessa gestão, o investidor acaba ganhando qualidade sem assumir custos incompatíveis com a sua realidade. 3) A agilidade do gestor, que é uma importante ferramenta em busca de rentabilidade.

Segurança – No Brasil, o mercado financeiro é altamente sofisticado do ponto de vista tecnológico. Totalmente supervisionada, sua mecânica de funcionamento possibilita que os títulos brasileiros sejam negociados em sistemas eletrônicos, eliminando riscos de fraudes ou desaparecimento de títulos. Esse padrão permite que o investidor faça com tranquilidade sua aplicação, seja por telefone ou pela Internet. A garantia se estende até em casos de acidentes. Se um avião cair na sede de um banco, por exemplo, é praticamente impossível que o investidor não consiga mais acessar o saldo do seu investimento. Isso porque todos as instituições possuem sistemas redundantes de informática capazes de permitir que as



Poupar é um conceito universal que envolve diferentes projetos de vida

informações sejam preservadas e colocadas à disposição do cliente no dia seguinte. O dinheiro do investidor está eletronicamente registrado em diversos lugares; por isso não há risco de perdas. Trata-se de um sistema desmaterializado e extremamente moderno. Outro fator importante é a solidez dos bancos brasileiros, ligados a grupos nacionais e internacionais de grande porte.

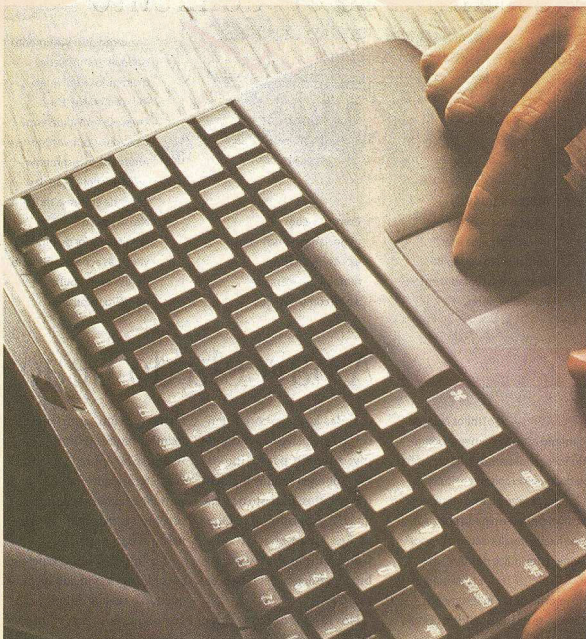
Simplicidade – É extrema-

mente fácil comprar e vender cotas de fundos de investimento. A maioria dos bancos possibilita que essas operações sejam feitas pelo serviço de atendimento por telefone ou pela Internet. “Hoje, o cotista de um fundo pode fazer aplicações, resgates e consultas por telefone ou pelo computador, o que torna o serviço bastante conveniente”, reforça Paulo Vaz, diretor do Unibanco Asset Management (UAM). A cota do fundo

adquirida pelo investidor é um indicador completo do rendimento da carteira, o que permite um rápido acompanhamento de seu investimento ou até mesmo uma comparação com investimentos em fundos similares ou de outro perfil. Além disso, os bancos e gestores devem entregar regularmente extratos com a posição dos investimentos do cliente em fundos de investimento, prática que também facilita o controle.

Modismo – Estatísticas mundiais apontam que o investimento em fundos é extremamente popular. Nos Estados Unidos, existem aproximadamente US\$ 7 trilhões aplicados em fundos, montante equivalente a quase 70% do PIB daquele país, que é de US\$ 9,8 trilhões. Diante do crescimento da economia e da existência de empresas muito grandes e com atividades complexas, o investidor – seja ele pequeno ou grande – percebeu que pode contratar um serviço de administração profissional, por meio de um fundo. Com isso, tem acesso a investimentos tanto em empresas de grande porte quanto nas pequenas. As vantagens oferecidas pelos fundos fazem com que eles apresentem um crescimento muito forte. Nos últimos 20 anos, essa taxa tem sido positiva em âmbito mundial.

Necessidade – Por diferentes razões e de formas distintas, as pessoas procuram guardar dinheiro. Esse é um conceito universal, que envolve as questões emergenciais, os desejos de curto prazo, e os sonhos. Além disso, ainda existe uma camada da população que poupa com o objetivo de ter uma vida melhor no presente, o que significa pegar uma parte dessa rentabilidade e converter em renda.



Aplicar recursos e obter informações sobre o mercado financeiro ficou muito mais fácil com a Internet

Do magnata ao assalariado

Com 72 anos, o norte-americano Warren Buffett é o segundo homem mais rico do mundo, atrás apenas do criador da Microsoft, Bill Gates. Ao contrário de seu compatriota, que fundou a maior empresa de informática, Buffett ameliou sua fortuna – avaliada em US\$ 30,5 bilhões – exclusivamente no mercado acionário. O magnata é um exímio investidor em ações, com visão de longo prazo. “Meu prazo ideal para ficar com uma ação é infinito”, teria dito certa vez. O fundo de ações gerido por Buffett, o Berkshire Hathaway, administra participações acionárias em grandes empresas norte-americanas, como Coca-Cola, Nike, American Express, Gillette e GAP.

Quando tinha apenas 25 anos, Buffett retornou à sua cidade natal, Omaha, no estado norte-americano de Nebraska. Ele reuniu alguns conhecidos, juntou US\$ 105 mil, para aplicar em ações, e prometeu remuneração de 6% ao ano, no mínimo, sobre o capital empregado, além de 75% sobre os

lucros excedentes. O resultado foi melhor que o acordado: em 13 anos, num período em que o índice Dow Jones declinou por quase metade do tempo, o capital foi remunerado em 29,5% acima do índice.

O exemplo de Warren Buffett é uma prova de que apostar no mercado de fundos de investimento – no caso dele, os de renda variável (ações) –, pode ser muito rentável. Com ganhos acima da média da inflação, os fundos estão atraindo em todo o mundo cada vez mais investidores interessados em rentabilizar seu capital.

No Brasil, o cenário não é diferente. O mercado brasileiro de fundos não é exclusividade apenas das grandes empresas, cujo valor aplicado pode chegar a milhões de reais. Pelo contrário, é crescente o número de pequenos investidores interessados na rentabilidade que os fundos podem proporcionar – são pessoas físicas que podem iniciar sua aplicação com R\$ 100,00. A maior parte desse público opta pelos fundos

de renda fixa, com baixo índice de risco e proteção para investimentos de curto e médio prazos, que hoje representam 95% do mercado, segundo Sérgio de Oliveira, diretor-executivo do Bradesco.

O assistente administrativo Adriano Silva faz parte dessa massa. Em 1999, orientado pelo gerente do banco, Silva transferiu suas economias – cerca de R\$ 2 mil – da poupança para um fundo de renda fixa. A possibilidade de alcançar um rendimento maior, aliada a um fator importante para ele, a segurança, foram decisivos para sua escolha. “Optar pelo fundo de investimento foi uma decisão acertada, já que os rendimentos que obtive nesse período foram até um pouco além da minha expectativa”, ressalta Silva, que pretende continuar aplicando suas economias, com perspectivas de longo prazo. “Todo mundo tem um sonho de consumo e o investimento em fundos pode ser uma alternativa viável para concretizá-lo”, conclui.

Internet é uma importante aliada para investir

Os interessados em investir em fundos pode utilizar a Internet como ferramenta para tomar decisões ou aplicar seus recursos. O site Fortuna, que fornece informações sobre o mercado financeiro, é visitado, diariamente, por 6 a 10 mil pessoas. “Quem acessa a Internet em busca de informações que possam orientar seus investimentos se enquadra em basicamente dois grupos: um reúne pessoas com conhecimento sobre mercado financeiro, que não são

clientes *private* dos bancos e querem acompanhar a atuação do administrador, para checar se ele está tomando as decisões mais acertadas; o outro é composto por investidores de alto nível, com grande conhecimento sobre o setor, que trabalham *full time* com as aplicações e querem se manter atualizados sobre o andamento do mercado para poder fazer suas opções de investimentos”, analisa Marcelo D’Agosto, do Fortuna. O site não comercializa cotas de fun-

dos, mas, segundo D’Agosto, ainda há resistência, por parte do consumidor brasileiro, em adotar essa alternativa. “Uma coisa é você convencer alguém a comprar um livro pela Internet; outra estimulá-la a transferir R\$ 1 mil pela rede. As pessoas ainda têm desconfiança sobre a segurança e têm a necessidade de ver e tocar as coisas”, afirma. Segundo ele, o fato de um site de investimentos estar associado a um banco, no entanto, contribui para que os investidores

se sintam mais atraídos, pelo simples fato de estar em contato com a instituição no dia-a-dia.

INVESTIMENTO

Apesar da resistência, a oferta de fundos de investimento pela Internet tem aumentado. Os interessados podem comprar cotas de diversas aplicações, acompanhar seus investimentos, fazer resgates e ainda dispor das orientações colocadas à disposição. Mas, antes de adotar a práti-

ca, devem sempre verificar se o portal possui autorização de funcionamento, concedida pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Há duas maneiras básicas de fazer o investimento pela rede de computadores. O site financeiro faz a intermediação, mas os recursos do cliente seguem diretamente para o fundo desejado, e seu nome fica registrado no fundo como cotista; ou o cliente deposita o dinheiro na

conta do site financeiro, que soma esse recurso ao de muitos outros investidores e aplica nos fundos. Essa aplicação é feita em nome do portal, que é o representante do cliente.

De acordo com a legislação vigente no país, os sites financeiros não são responsáveis por eventuais prejuízos que o investidor venha a ter, desde que o fundo tenha sido vendido corretamente e as perdas forem compatíveis ao investimento.

Por dentro do universo dos fundos

Mecanismo de funcionamento é simples e beneficia grandes e pequenos investidores

Os fundos de investimento funcionam como uma sociedade de investidores, organizada por um administrador profissional de recursos, responsável pelo gerenciamento de uma carteira de investimentos. Nessa sociedade, cada participante entra com o montante em dinheiro que deseja aplicar, comprando cotas de ações com o perfil desejado. Para que um fundo de investimento fun-

cione é necessário, também, que uma instituição financeira se responsabilize pelo custo dos títulos que compõem a carteira e seja a representante dos cotistas perante os órgãos reguladores da atividade.

Os principais personagens de um fundo de investimento são os cotistas, a instituição financeira e o administrador (ou gestor). Entretanto, há outra importante figura, o distribuidor, cuja função é conseguir adesões e aportes de clientes ao fundo. No Brasil, cabe ao Banco Cen-

tral definir quem pode executar essa função mas, geralmente, a instituição financeira acaba exercendo também o papel de distribuidor ou credenciando uma empresa que possa cuidar dessa atividade.

Um dos grandes atrativos dos fundos é a profissionalização do gestor que, ao observar todos os movimentos da economia que podem influenciar os ganhos de rentabilidade, protege e qualifica o capital do investidor. "Hoje, o papel do gestor de fundos é ajudar o investidor a tomar decisões

racionais, de acordo com suas expectativas de retorno. Ao contratar um especialista em administração de fundos, o cliente certamente contará com qualificação profissional, liquidez e qualidade de ativos", ressalta Marco Antonio Fichtner, diretor-executivo do Votorantim Asset Management.

MECANISMO

Os recursos financeiros aplicados em fundos de investimento são transformados em cotas, que representam parcelas

iguais do patrimônio total do fundo. Ao fazer sua aplicação, o cliente adquire cotas emitidas pelo fundo e, ao efetuar um saque, o fundo resgata as suas cotas. Para converter os recursos em cotas (na aplicação) ou as cotas em recursos (no resgate) os administradores geralmente utilizam o valor da cota do dia da solicitação (D + 0), ou o valor da cota de outro dia, previamente especificado no estatuto do fundo. A cota do dia seguinte à da solicitação (D + 1) é uma das mais utilizadas.

O crédito de rentabilidade das cotas aos investidores — conhecido como data de aniversário — segue um prazo de carência, geralmente de 60 dias, já determinado no estatuto social do fundo, que se renova automaticamente a cada final de intervalo. Caso o cotista faça um resgate durante o intervalo de vigência do prazo de carência, o valor da cota resgatada será igual ao da data inicial de vigência do período, ou seja, o investidor perde a rentabilidade daquele intervalo.

O CAMINHO DO INVESTIMENTO

Dependendo da opção de investimento, o administrador compra ativos financeiros no mercado, que podem ser títulos do governo ou de empresas (renda fixa) ou ações (renda variável).

Pessoalmente ou pela Internet, o investidor escolhe o fundo mais adequado ao seu perfil para aplicar o dinheiro.

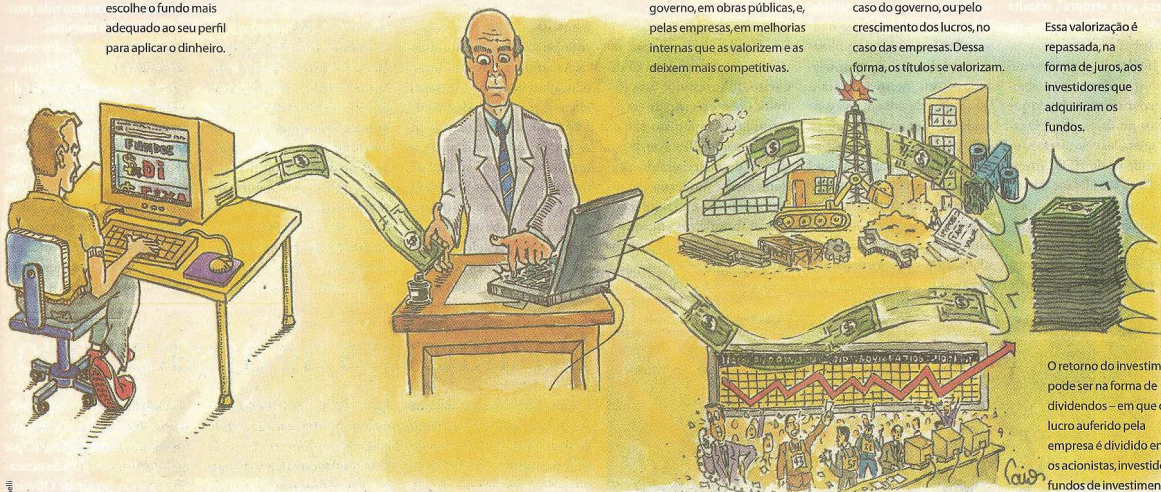


Ilustração: Caio Monteiro

De acordo com a opção do investidor, o administrador compra ativos financeiros no mercado, que podem ser títulos do governo ou de empresas (renda fixa) ou ações (renda variável).

RENDA FIXA

Para se capitalizarem, governo e empresas emitem títulos. O dinheiro captado é investido, pelo governo, em obras públicas, e, pelas empresas, em melhorias internas que as valorizam e as deixam mais competitivas.

O retorno do capital investido é alcançado pelo aumento da arrecadação de impostos, no caso do governo, ou pelo crescimento dos lucros, no caso das empresas. Dessa forma, os títulos se valorizam.

Essa valorização é repassada, na forma de juros, aos investidores que adquiriram os fundos.

RENDA VARIÁVEL

Ao adquirir ações, o investidor passa a ter participação no capital de empresas cotadas em Bolsa de Valores.

Como as ações são negociadas diariamente, a possibilidade de rentabilidade é maior, assim como os riscos.

O retorno do investimento pode ser na forma de dividendos — em que o lucro auferido pela empresa é dividido entre os acionistas, investidores de fundos de investimento — ou pela valorização das ações da empresa na Bolsa. Nesse caso, o administrador do fundo vende as ações no período de alta e distribui o dinheiro valorizado.

PARA ENTENDER OS FUNDOS

AÇÃO — Documento que representa uma fração do capital de determinada empresa.

ADMINISTRAÇÃO ATIVA — O administrador compra e vende ações tentando obter uma rentabilidade que supere a do índice estabelecido como referência (*benchmark*). A diferença com a administração passiva é que na ativa não há uma réplica da carteira do índice: este é tomado apenas como um referencial que deve ser atingido ou superado.

ALAVANCAGEM — Termo usado para traduzir a relação entre o dinheiro que uma empresa pegou emprestado e seu capital próprio. Essa comparação revela o grau de endividamento da empresa e mostra o risco financeiro de ela ter problemas: quanto mais alavancada a empresa, mais perigosa sua situação. É o poder de comprar um ativo sem ter dinheiro em caixa.

ATIVOS — Conjunto de bens, valores e créditos que formam o patrimônio da empresa.

BENCHMARK — É um índice de referência usado para orientar o desempenho de um fundo de investimentos. No mercado de fundos de

renda variável (ações), por exemplo, o Índice Bovespa é o *benchmark* mais utilizado.

BOLSA DE VALORES — Instituição onde são negociados títulos e ações de empresas.

CARTEIRA — É o valor que uma determinada pessoa física ou jurídica possui em um tipo de investimento. Uma pessoa que investe na bolsa de valores, por exemplo, possui uma carteira de ações. Do mesmo modo, um banco pode ter uma carteira de títulos públicos ou uma carteira imobiliária, entre outras.

CDB — É um documento, como um recibo, que comprova que seu proprietário tem um depósito bancário na instituição financeira emissora.

CDI — É a taxa média dos empréstimos feitos entre os bancos.

DERIVATIVOS — Operações feitas no mercado financeiro em que o valor das transações deriva (daí o nome "derivativos") do comportamento futuro de outros mercados — como o de ações e juros, por exemplo.

FUNDOS MULTICARTEIRA — São aqueles cuja composição mistura renda fixa e renda variável.

HEDGE — Termo em inglês que significa salvaguarda. É um mecanismo usado por pessoas ou empresas que precisam se proteger da flutuação de preços que costuma ocorrer nos mercados de *commodities* ou câmbio.

IBOVESPA — Índice que mostra a variação diária da cotação das 44 ações mais negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo.

IBX — Um dos índices que espelham a valorização das ações na Bolsa de Valores de São Paulo. O IBX acompanha as 100 ações mais negociadas.

IOF — Imposto pago por pessoas físicas e jurídicas quando fazem empréstimos, recebem valores de um seguro e compram ou vendem moeda estrangeira, títulos ou ouro.

LIQUIDEZ — É a capacidade de um título, ação ou outro tipo de bem ser convertido em dinheiro.

PIB — Corresponde ao valor total de todos os produtos e serviços gerados dentro do país. Por isso é considerado uma medida das riquezas do país. É calculado com base nos preços de mercado e não inclui os preços do atacado e nem os de intermediários.

RENDA FIXA — São títulos cujo rendimento está previamente definido. Esse rendimento pode ser prefixado (quando compra o título, o investidor já sabe quanto vai receber ao final de determinado prazo) ou pós-fixado (a valorização é proporcional a um índice de inflação).

TÍTULOS PREFIXADOS — São títulos cuja remuneração é conhecida na data de compra do título.

TÍTULOS PRIVADOS — São títulos emitidos por instituições financeiras ou não para captar de recursos no mercado financeiro.

TÍTULOS PÓS-FIXADOS — São títulos cuja remuneração só será conhecida na data do vencimento.

TÍTULOS PÚBLICOS — São títulos emitidos pelo Banco Central e pelo Tesouro Nacional para captar recursos financeiros para financiar a dívida pública federal, estadual e municipal em troca de uma taxa de remuneração.

VOLATILIDADE — É a variação da rentabilidade de um fundo durante um certo período.

A parcela do Leão

Todas as aplicações financeiras, inclusive os fundos de investimento, pagam impostos. Sobre os fundos incidem tributos: Imposto de Renda (IR), Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras (CPMF).

Nos fundos de renda fixa e DI, o Imposto de Renda é descontado todo o fim de mês, a uma alíquota de 20% sobre o rendimento da aplicação. O tributo é recolhido na fonte, pelo banco. Na renda variável — fundos de ações e fundos mistos, aqueles com mais de 67% do capital aplicado em ações —, o imposto é recolhido apenas no momento do resgate do capital. Dessa forma, os prazos diferentes para a cobrança do tributo acabam favorecendo as aplicações de longo prazo nesses fundos de renda variável.

Do ponto de vista tributário, a eventual perda em um fundo pode ser compensada com o imposto a ser pago pelo rendi-

mento de um outro fundo mantido na mesma instituição. Assim, se for apurado prejuízo em determinado fundo, o investidor estará isento de imposto sobre o lucro obtido até o final do ano seguinte.

Já o Imposto sobre Operações Financeiras incide apenas quando o resgate da aplicação é feito antes do prazo de 30 dias, contado a partir da data da aplicação. A alíquota é decrescente, começando em 96% sobre o rendimento até chegar a 0% ao passar esse prazo de carência. Dessa forma, resgates prematuros mostram-se um péssimo negócio, podendo representar prejuízo ao investidor — o risco é resgatar menos do que foi aplicado, especialmente quando isso ocorre antes de decorridos 15 dias da aplicação.

O terceiro tributo é a CPMF. Com uma alíquota de 0,38% sobre o total investido, é cobrada duas vezes: quando os recursos saem da conta corrente para a aplicação, e quando o dinheiro volta para a conta e é resgatado pelo investidor.

Uma prova que garante a qualidade

Foco do Programa de Certificação Continuada é o profissionalismo

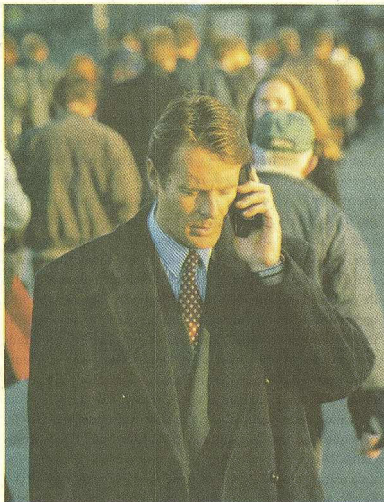
A Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (Anbid) instituiu, há um ano e meio, o Programa de Certificação Continuada, que tem os objetivos de fortalecer o mercado brasileiro de capitais – por meio da divulgação de informações sobre os investimentos disponíveis e seus fatores de risco – e estimular a adoção de sólidos padrões éticos de conduta no relacionamento entre profissionais e clientes. O programa resulta na concessão das certificações Qualificada e Básica aos profissionais que mantêm contato com os investidores no processo de distribuição das alternativas de investimentos – fundos, títulos, ações, debêntures, derivativos, etc. “A idéia é melhorar o processo de venda, por meio da qualificação do profissional, que tem de entender exatamente o que está oferecendo”, explica o vice-presidente do Banco Itaú, Alfredo Setúbal. Segundo ele, essa capacitação também possibilita adequar o investimento ao perfil do cliente e revelar exatamente quais são os riscos das aplicações.

A Certificação Qualificada destina-se aos profissionais que não estão alocados em agências bancárias e a Certificação Básica

aos que integram as agências e oferecem os investimentos aos clientes. Para obtê-las, os executivos devem se submeter aos exames de certificação da Anbid – a primeira prova deste ano será realizada no próximo domingo, dia 25 de maio, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, por 1.223 candidatos de 54 instituições financeiras. Ainda em 2003, serão realizados exames em julho, setembro e novembro. As certificações concedidas aos aprovados devem ser atualizadas a cada quatro anos, por aqueles que se mantiveram na mesma função, e a cada dois anos, aos que foram transferidos para outro posto. Essa diferença, segundo Setúbal, segue a lógica segundo a qual o profissional que está acompanhando o dia-a-dia dos investimentos está mais atualizado do que os demais.

CHECAGEM

O fato de apenas um exame de certificação ter sido realizado até agora – em novembro do ano passado – não permite checar o nível de profissionalismo de quem atua no setor. “Teremos uma visão mais clara a partir da terceira prova”, admite Setúbal, observando, no entanto, que os avanços são perceptíveis, e decorrem da preocupação das instituições financeiras com o treinamento de seus especialistas.



Profissionais devem ser inscritos pelas instituições financeiras

Na primeira prova, foram certificados 338 profissionais, de 45 instituições financeiras.

De acordo com o Código de Auto-Regulamentação da Anbid e com a Resolução 3.057/02 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), até o último exame, que será realizado em 2006, todos os profissionais que atuam no mercado de produtos de investimentos devem possuir a Certificação Básica, sob pena de

serem impedidos de operar. De 2003 a 2006, todas as instituições financeiras devem certificar, anualmente, pelos menos 25% de seus especialistas. Já o prazo para a realização do último exame para a obtenção da Certificação Qualificada expira em 2004. Com exceção dos profissionais que estiverem desempregados há menos de 24 meses, todos os demais devem ser inscritos pelas instituições financeiras.

Perspectivas em debate

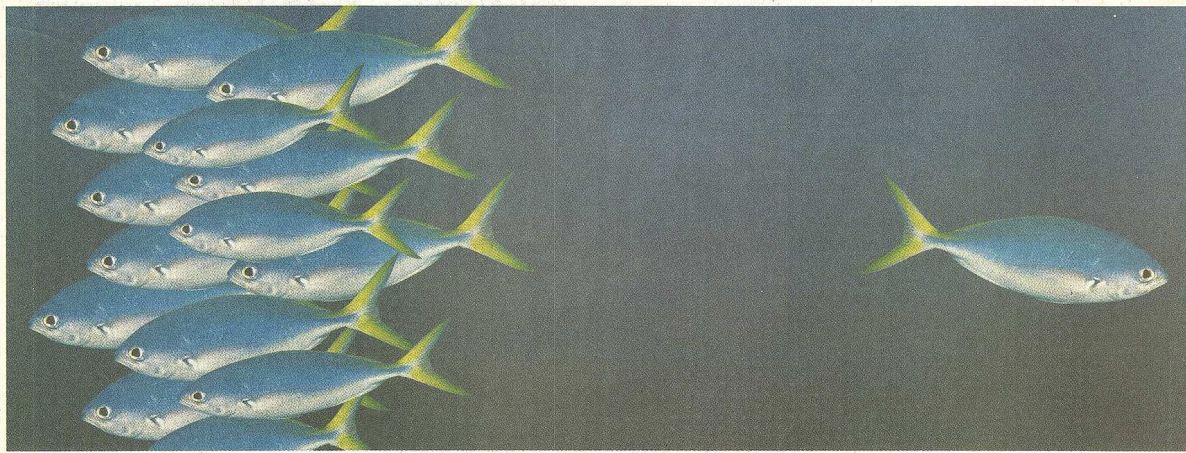
O impacto da tributação no mercado de fundos, a auto-regulamentação e o controle de riscos são alguns dos temas que estarão em debate, nos dias 27 e 28 de maio, no 2º Congresso Anbid de Fundos de Investimento. O evento será realizado em São Paulo, no Hotel Gran Meliá WTC, e vai reunir consultores, investidores e representantes do governo para analisar as perspectivas do setor, que atravessa um período de grandes transformações.

A primeira plenária – no dia 27, às 9 horas – será como tema *Perspectiva do mercado de fundos na visão dos consultores*, e será mediada por Carlos Eduardo Sussekind, da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Das 11h30 às 13 horas, será debatido o *Projeto de comunicação para a indústria de fundos*, com a moderação de Demosthenes Madureira Pinho Neto, do Unibanco Asset Management. Das 15 horas às 16h30, o diretor-executivo do Bradesco, Sérgio de Oliveira, vai mediar a terceira plenária do dia, *As perspectivas da indústria de fundos segundo seus administradores*. Das 17 horas às 18h30, Alfredo Setúbal, do Bando Itaú, será o

coordenador da plenária *Tres anos de auto-regulamentação*.

No dia 28, os trabalhos terão início, também às 9 horas, com a plenária *Reforma da previdência e o fortalecimento da previdência complementar*, moderada por Renato Raglione, do Unibanco Asset Management. Das 11h30 às 13 horas, dois painéis simultâneos abordarão *O impacto da tributação no mercado de fundos* – mediado por João Marcello Dantas, do Banco Pactual – e *Instrumento de controle de risco e MaM*, coordenado por Márcio Verri, do Bank Boston Asset Management. Das 15 horas às 16h30, Eduardo Penido, do Opportunity Asset Management, vai atuar como mediador da plenária *Novas fronteiras da indústria de fundos*, e das 17 horas às 18h30, Edmar Bacha, presidente da Anbid, coordenará a plenária que abordará *Mercado de capitais e a retomada do desenvolvimento econômico*.

As inscrições para o 2º Congresso Anbid de Fundos de Investimento podem ser feitas por telefone – (11) 3167-0821 –, e-mail (anbid@point.com.br) ou no site do evento, que é www.congressoanbid.com.br.



Aproveitar as oportunidades é muito mais do que entrar e sair com todo mundo.

Para obter sempre os melhores resultados, a gente investe fundo em informação.

A Votorantim Asset Management (VAM) é a administradora de recursos de terceiros do Grupo Votorantim. Através da combinação dos mais recentes sistemas de informação com a expertise de nossos profissionais, a VAM busca oferecer os melhores resultados para diferentes segmentos, como Private Banking, Empresas e Investidores Institucionais.

Com uma metodologia ágil e criativa, a VAM implementa a gestão ativa de recursos, com revisões sistemáticas e periódicas da performance do

investimento, efetuando as intervenções necessárias que assegurem os objetivos estratégicos de nossos clientes.

O resultado do talento e know-how da VAM também pode ser comprovado pelos frequentes prêmios que nossos fundos recebem das principais publicações especializadas do país. Utilize toda essa exclusividade com atendimento tailor-made para os seus investimentos. Ligue para a VAM ou acesse o nosso site.

A gente investe fundo em rentabilidade e segurança.

Votorantim Asset Management - Av. Roque Petroni Jr. 999, 10º andar - 04707-910 - São Paulo - SP - Brasil
Private Banking: (11) 5185-1606 - (21) 2237-8600 - (51) 3327-6900 - (0800) 701-8881
Investidores Institucionais: (11) 5185-1749/1981 - Empresas: (11) 5185-1607 - <http://www.vam.com.br>



Votorantim 85 anos.
Novos gestos. Sabedoria.

Votorantim Asset

Cenário brasileiro é promissor

O mercado de fundos tende a crescer; opções surgem conforme a demanda

O futuro do mercado de fundos de investimento no Brasil é promissor, mas existem, ainda, alguns entraves para a conquista de uma grande parcela da população que ainda se mantém afastada desse tipo de aplicação: a dificuldade de entender seu funcionamento e a falta de confiança na estabilidade econômica do país. Em compensação, há um fator significativo para a atração de novos investidores: a alta rentabilidade que vem sendo obtida pelos fundos brasileiros.

"O que pretendemos é promover a popularização dos fundos", afirma Eduardo Penido, diretor comercial do Opportunity. O caminho para a conquista desse objetivo é a simplificação, tanto da linguagem usada para explicá-los aos consumidores como dos próprios fundos. "Quando você vai aplicar e lhe oferecem duas opções de investimento, você tende a escolher aquela que mais entende, por se sentir mais seguro. Então, precisamos tornar os fundos de investimento familiares para o público", avalia Penido.

Para ele, os mecanismos de distribuição também precisam evoluir. Nos Estados Unidos, por exemplo, a maior parte dos

fundos é distribuída por profissionais autônomos, devidamente registrados e qualificados. No Brasil, 99,8% dessa função ainda está a cargo dos bancos. "Tanto para o crescimento de agentes de distribuição, como para a simplificação do produto e da linguagem, a certificação promovida pela Anbid contribui", diz. Com ela, os profissionais que atendem aos consumidores comprovam que estão aptos a indicarem as melhores opções de investimentos no mercado, de acordo com o perfil de quem vai aplicar seu dinheiro.

ATRATIVOS

A popularização dos fundos deve proporcionar a conquista especialmente de uma parte da população que ainda aplica seus recursos em ativos reais, principalmente imóveis, por causa da instabilidade financeira. "O fato é: quanto é possível cobrar, sobre o valor do imóvel, em um aluguel? Certamente não será fácil conseguir 26,5% (atual taxa de juros no Brasil), o que é possível com aplicação em fundos", argumenta Penido.

A tendência, no mercado brasileiro, é de haver também uma evolução no patrimônio líquido, decorrente da ascendente preocupação dos brasileiros com o seu futuro. Para Penido, os planos de previdência privada

representam uma das vias para esse crescimento. "Eles são fundos abertos, que devem crescer cada vez mais e, certamente, contribuir para a evolução do mercado", explica.

Outro atrativo para os investidores é a transparência. "A auto-regulação que a Anbid está promovendo contribui para que o mercado fique ainda mais seguro para o investidor", diz. A ideia é que, além de se sujeitarem à fiscalização da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), os fundos sejam fiscalizados uns pelos outros, como já acontece em outros países. Além da auto-regulação, outras ferramentas, como a marcação a mercado (MaM), contribuem para que o processo seja muito claro. "No ano passado, houve uma reação inexplicável diante da adoção da MaM, que foi vista por muitos como negativa. Na verdade, ela só traz benefícios ao investidor, que pode saber, com certeza, que não está sendo prejudicado", diz Penido. A entrada em vigor da marcação a mercado, em maio de 2002, fez com que muitos aplicadores retirassem seu dinheiro dos fundos e o transferissem para contas correntes, cadernetas de poupança e CDBs. Porém, boa parte já retornou aos fundos no início de 2003. "Pre vemos uma migração desse ca-

pital novamente para os fundos e um crescimento real de 10% do mercado, em relação a 2002", acrescenta.

ESTABILIDADE

Para Luiz Eduardo Maia, diretor-executivo do Asset Management do ABN Amro, apesar de as taxas de juros serem um atrativo para os investidores, na medida em que garantem maior remuneração, o cenário de crescimento desejado para o Brasil pode significar a queda dessa taxa, a redução da inflação e um câmbio estabilizado. "Dessa forma, os investimentos em fundos de longo prazo tendem a evoluir também", complementa Penido. Marcelo Giufrida concorda: "Isso representaria uma evolução para fundos de renda variável e atrairia os aplicadores para investimentos de longo prazo, que permitiriam aos administradores trazer a melhores estratégias de negócios". Segundo Penido, a melhoria nas bolsas de valores é indicio de que o mercado de renda variável deva aumentar.

Com a economia em crescimento, há também a perspectiva de um aumento na renda dos brasileiros, o que certamente trará impactos positivos para os fundos. Por isso, embora as opções de fundos ao consumidor sejam variadas, novas alternati-

vas devem surgir para atender à demanda. "Quem manda é o cliente, que vem em busca de rentabilidade e de transparência nas negociações. Novos fundos vão sendo colocados à sua disposição, de acordo com a necessidade de se atender a algum nicho de mercado", explica Luiz Eduardo Maia, do ABN Amro.

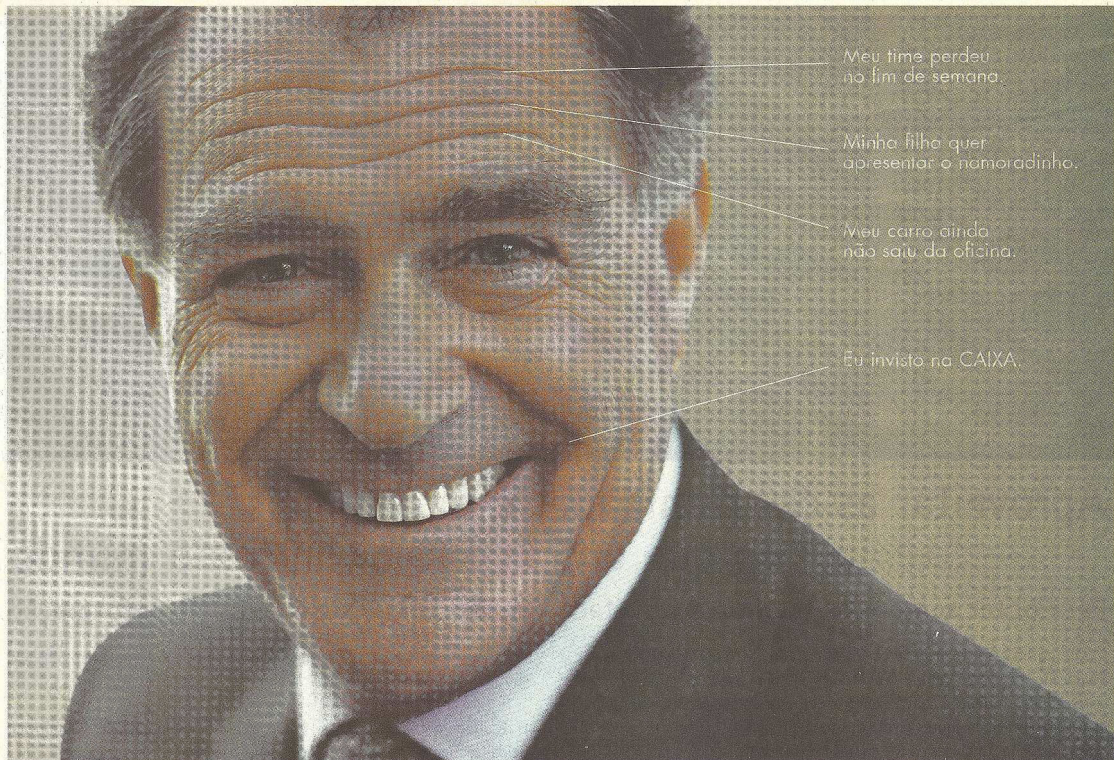
Hoje, segundo Penido, 75% do mercado de fundos é de investimentos em renda fixa. "Ainda que o cenário mude, é normal, e até saudável para o mercado, que os fundos de renda fixa predominem", afirma. De fato, eles representam uma garantia de investimento, conforme exemplifica ele: "Só perdeu dinheiro em ações quem tinha todo o seu capital aplicado nessa alternativa e teve de retirá-lo por algum motivo. Os fundos de renda fixa são uma estratégia para proteger o dinheiro, que, se possível, vai trazer ganhos".

Um dos modelos de fundos que está em ascendência é o de multimercados. Sua grande vantagem está no fato de dar ao administrador a possibilidade de atuar nos melhores segmentos nos momentos mais adequados. "São fundos para investidores mais sofisticados, mas permitem que as aplicações migrem entre as melhores alternativas, de acordo com a circunstância".

Atuação em nichos

Nos últimos anos, o número de administradoras de fundos caiu no Brasil, mas a tendência, na avaliação de Penido, é que ocorra uma estabilização. "A saída de agentes não se deve à incompetência, mas ao mercado, que, para crescer, precisa, em especial, que o país evolua economicamente", diz Maia.

Para Giufrida, ao mesmo tempo em que grandes administradoras se consolidam, surgem outras especializadas para atender a públicos específicos. "Com a saída de alguns bancos do mercado, profissionais competentes que atuavam no setor passaram a abrir pequenas empresas para prestar atendimento a clientes com perfis e interesses específicos. Em razão da grande capacidade de gestão, certamente esses profissionais vão tornar viável a permanência de suas administradoras", afirma Penido. E acrescenta que há ainda um bom mercado para empresas especializadas em tipos específicos de fundos, como os de multimercados, ou de ações.



Meu time perdeu no fim de semana.

Minha filha quer apresentar o namoradinho.

Meu carro ainda não saiu da oficina.

Eu invisto na CAIXA.

FUNDOS DE INVESTIMENTO CAIXA

VOCÊ TEM TANTA COISA PRA PENSAR. PELO MENOS DE UMA DELAS, A GENTE CUIDA PRA VOCÊ. Quando o assunto é investimento, pode ficar tranquilo que a CAIXA cuida de tudo pra você. Na CAIXA você tem uma equipe especializada que busca as melhores alternativas de investimento para o seu dinheiro. Tudo na maior transparência e com a credibilidade de um banco com mais de 140 anos de tradição. Invista na CAIXA.

www.caixa.gov.br 0800 568898

CAIXA